

A ÉTICA NA ESCALADA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA COMPLEXIDADE DE EDGAR MORIN

ETHICS IN CLIMBING: AN ANALYSIS FROM THE COMPLEXITY OF EDGAR MORIN

Dimitri Wuo Pereira^{*}
Vilma Leni Nista-Piccolo^{**}

RESUMO

O pensamento complexo entende a ética não apenas pelo respeito moral ao outro e ao meio. Ele a enxerga como uma construção entre os antagonismos da natureza humana. O objetivo dessa pesquisa concentrou-se na verificação de como ocorre na prática da escalada escolar a relação com o outro. O método baseado na Epistemologia Qualitativa permitiu confrontar estudantes do Ensino Fundamental com a ética da escalada. Os resultados da pesquisa apontam para o desenvolvimento de um senso de responsabilidade com a vida, pouco comum nas práticas educativas tradicionais. Os valores da dignidade humana, solidariedade e assunção dos riscos na aventura foram assimilados pelos alunos pela ligação ao outro por uma corda, sentindo a fragilidade da vida em suas mãos. Essa experiência aponta para novos caminhos para uma educação cidadã, pautada na ética humana.

Palavras-chave: Complexidade. Ética. Montanhismo.

INTRODUÇÃO

A ligação solidária é um exercício de compreensão de si, dos outros e da espécie como um todo. “Vale repetir: o ato moral é um ato de ligação: com o outro, com uma comunidade, com uma sociedade e, no limite, religação com a espécie humana” (MORIN, 2005a, p. 29).

Porém, o que se tem observado em tantas guerras, violências e tiranias, é o afastamento, entre o indivíduo e sua espécie. Como ser ético distancia-se da condição humana que supõe a diversidade para a existência da unidade.

Em Morin, os conceitos de ética e moral não se separam, como tradicionalmente encontramos em outros autores para os quais ético é o pensamento que regula as ações para a convivência em harmonia, enquanto moral é a ação que se realiza no sentido de viver bem com o outro. A complexidade compreende esse conceito e sempre articula os dois conceitos de modo uno e múltiplo, ao mesmo tempo.

“Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela.

Estar longe, ou pior, fora da ética, entre nós, mulheres e homens, é uma transgressão” (FREIRE, 1996, p. 33).

Exacerba-se o egocentrismo e o individualismo nesses tempos de tecnologia e comunicação rápida. Mas, Morin (2005a) afirma que a tecnologia e a comunicação que nos separam também nos permitem descobrir que o Sol, nossa fonte primária de vida, terá um fim. A dispersão do cosmos é um fim certo, portanto, passamos a ter consciência de nosso fim, independente de nossas ações.

Sendo assim, porque deveríamos viver eticamente?

O que, sobretudo, me move a ser ético é saber que, sendo a educação, por sua própria natureza, diretiva e política, eu devo sem jamais negar meu sonho ou minha utopia aos educandos, respeitá-los. Defender com seriedade, rigorosamente, mas também apaixonadamente, uma tese, uma posição, uma preferência, estimulando e respeitando, ao mesmo tempo, ao

* Mestre. Professor da Universidade Nove de Julho, São Paulo-SP, Brasil.

** Doutora. Professora da Universidade Federal Técnica de Minas Gerais, Uberlândia-MG, Brasil.

discurso contrário, é a melhor forma de ensinar, de um lado, o direito de termos o dever de "brigar" por nossas ideias, por nossos sonhos e não apenas de aprender a sintaxe do verbo haver, do outro, o respeito mútuo (FREIRE, 2002, p. 78).

É exatamente pela contradição natural da vida que devemos ser éticos. O *ethos* grego, sempre foi um lugar para se viver bem juntamente com outras pessoas. Sabedores que somos de nosso fim certo, temos o dever de fazer de nossa existência um bom momento de vida com as pessoas neste planeta.

A discussão que se pretende neste texto se refere às incertezas de uma ética humana e planetária, buscando em um modo de vida bastante específico, a prática do montanhismo, encontrar elementos de ligação entre os seres humanos pela vivência da escalada.

A decisão de embarcar nas ideias de Edgar Morin faz-se pelo subsídio que a complexidade ganha com esse autor. Para ele, complexo é aquilo que está tecido junto, isto é, o que se articula sem se fragmentar. A complexidade incorpora as contradições e as complementariedades de elementos de um sistema, buscando no diálogo entre as oposições, a possibilidade de uma novidade, ou emergência capaz de reorganizar o pensamento. Já a pesquisa de campo, baseada na Epistemologia Qualitativa de Gonzalez Rey, foi o método escolhido para acessarmos as informações contidas nessa prática esportiva.

Nesse método, o pesquisador e os sujeitos interpretam as situações vividas, isto é, a realidade, e pela reflexão coletiva, emerge um sentido para o conhecimento produzido. Segundo González Rey (2005), esse tipo de pesquisa tem caráter construtivo interpretativo, pois, desde a confrontação do momento empírico com a produção teórica, se desenvolve um modelo de inteligibilidade flexível, dinâmico e complexo.

Os instrumentos utilizados foram o Diário de Campo (DC), os Sistemas Conversacionais (SC), o Completamento de Frases (CF), o Questionário (Q), além de uma Filmagem (F) que captaram as imagens da linguagem corporal e do ambiente físico da escalada, possibilitando enriquecer a construção de uma síntese teórica

sobre o tema. No caso, a técnica ou procedimento está em contato direto com a realidade empírica e, portanto, é flexível a esse contexto (DEMO, 1989).

Cenário de Pesquisa

Para a realização da pesquisa de campo, Gonzalez Rey (2005) sugere a criação de um Cenário. Este se constituiu de um conjunto de aulas de escalada numa instituição de ensino privado da região Oeste de São Paulo que possui uma parede de escalada e uma aula na natureza, que se realizou na Pedra da Represa, um maciço granítico considerado como ideal para a aprendizagem desse tipo de prática. As aulas de escalada envolveram técnicas de movimentação na parede, segurança com cordas, planejamento da vivência, alimentação, noções de socorros, características geopolíticas do local, preservação ambiental e prevenção de situações de risco em altura. Esses aspectos foram desenvolvidos na forma de exposição, demonstração, discussão e exercícios práticos de escalada em parede e rocha.

A instituição onde se desenvolveu a pesquisa se dispõe a refletir, registrar e avaliar o que é realizado nas aulas num exercício de desenvolvimento de formas democráticas, de convívio com diálogo, solidariedade e respeito, tendo como princípios a autonomia, a cooperação e o respeito. Foram sujeitos da pesquisa, sete alunos do ensino fundamental II, com idade entre 11 e 17 anos, praticantes da modalidade escalada na escola, que se reúnem semanalmente, às 4^{as} e 6^{as} feiras, das 14 às 15h. Os responsáveis pelos participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido protocolado sob número 019/2009 – COEP – USJT (2009).

Ética nas alturas

Vocês conseguem escalar em rocha sem o professor? É um questionamento do pesquisador:

O sujeito 5 afirma: “Sim”, mas os demais dizem: “Não”. O sujeito 5 justifica: “porque eu acho que a gente tem competência”. Os outros não concordam e afirmam: “eu pessoalmente não teria muita coragem de ir sozinho” 4. “Eu teria, mas sei lá, no caso de emergência” 3. “Sim, eu sei o que eu posso fazer, por isso mesmo eu não iria sozinho me arriscar” 6 (SC).

Participar da escalada é uma luta constante, não apenas contra a própria morte, quando a aventura chega aos limites físicos do ser humano, mas uma luta para compreender as nossas relações com a natureza. As colocações dos sujeitos conferem com o que Portela (2005) afirma sobre a ética na escalada:

A Escalada em Rocha não está limitada por regras formais. Os seus conceitos estabelecem-se por um consenso geral, há uma ética que tenta descobrir o que é 'certo', e o que é 'errado'. A maior liberdade do escalador está em ser capaz de definir o jogo e como vai jogá-lo (PORTELA, 2005, p. 39).

No primeiro dia de filmagem na escola, os sujeitos **1** e **2** tinham a missão de guiar a corda ao topo da parede. Eles arrumam os equipamentos: O sujeito **2** abre e coloca a corda no freio de proteção. O sujeito **1** escala levando a corda consigo, sob a supervisão do pesquisador. Com informações do pesquisador o sujeito **2** consegue sozinho liberar a corda. Ressalta-se que o sujeito **2** é portador de Síndrome de Down, mas que isso não impede que desenvolva seu potencial para a responsabilidade sobre a vida de outra pessoa (F).

Comparando essa situação com a pesquisada por Spink, Aragaki e Alves (2005) na qual sujeitos refutavam a participação de guias turísticos de aventura, pois isso tirava o caráter de risco da ação, verifica-se que os praticantes da escalada vão incorporando a responsabilidade da vida como pertencentes a si mesmos, como desejam também outras pessoas que buscam esse tipo de confronto com o perigo. Mas no caso de pessoas que buscam um aprendizado para enfrentar essas dificuldades, há uma tendência à conquista da autonomia que guiará o senso ético do praticante.

A escalada envolve riscos que se devem controlar para preservar a vida. Nesse jogo, a responsabilidade é dividida e aprendida com o outro. "Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas" (FREIRE, 1996: 107).

O sujeito **1** ao dar segurança diz: "Tomo cuidado e presto atenção para que ninguém se machuque", marcando a responsabilidade em seu ato (CF). O sujeito **6** diz: Fazendo nó: "é que

se amarra a vida" (CF). Ele compreende que o nó na corda é um cordão umbilical com poder de unir as pessoas, portanto aprender a escalar é criar um elo de responsabilidade com a vida das pessoas. Pimentel (2006) observou fenômeno parecido em praticantes de voo livre, que apresentam a relação de socialidade, risco e corpo como elementos complementares na assunção da responsabilidade sobre a vida.

Le Breton (2003, p. 98) discute a questão ética em relação aos resgates na escalada: "Se a legitimidade de colocar sua existência deliberadamente em perigo só diz respeito à consciência do esportista, este não pode, de forma alguma, ocultar sua própria responsabilidade caso esteja em dificuldade". Os sujeitos da pesquisa compreendem esse dilema quando se expressam sobre os aprendizados incorporados nas aulas de escalada.

Escalar é um exercício de respeito para a maioria dos praticantes. Os escaladores costumam se reunir em grupos para sua diversão; em função dos locais, da amizade, do companheirismo, das necessidades de segurança e do exercício do diálogo, se definem como escalar durante a vivência.

Indivíduos, sociedade e espécie são inseparáveis e coprodutores um do outro, supondo as autonomias individuais, a participação coletiva e o sentimento de pertencimento, anunciando uma ética em cadeia (MORIN, 2005b). Não uma ética de regras prontas, mas uma construção de regras para preservar a vida.

A ética na escalada se configura como autoética, isto é, como regras criadas que o escalador deve conhecer e decidir se seguirá, ou não, dependendo das suas convicções e das necessidades existenciais do indivíduo e do planeta. Isso carece de uma construção para a autonomia na escolha dos rumos a seguir.

O sujeito **2** afirma: "Você precisa cuidar da natureza e dos animais principalmente alguns que mordam" (Q). Ele entende que cuidar da natureza significa não destruí-la, tanto quanto, não ser destruído por ela. Esse é um pensamento do tipo recursivo, pois o mesmo que dá a vida, pode tirá-la. A complexidade está em manter os antagonismos pertencentes à nossa natureza bio-antropo-social.

Para Heywood (1994), a popularização da escalada também é responsável pela degradação ambiental, o que a própria cultura da escalada nega pela promoção de atitudes responsáveis por grupos montanhistas. Marinho (2003) acredita que o simples aumento de praticantes de atividades esportivas na natureza não significa um enfoque na preservação da mesma, pois, a sensibilização para com o meio natural depende de um tratamento educativo quando se inicia a atividade.

Essas contradições e antagonismos fazem parte da democracia. Nela, segundo Morin (1991), todos ganham e todos perdem, cada um à custa de si mesmo e dos outros, nela há um diálogo entre posições opostas.

O sujeito 4 entendeu o que significa a ética do montanhismo: “Acho que quando escalamos na rocha temos que preservar o meio ambiente para os outros também poderem escalar” (Q). Ele acredita na preservação do patrimônio natural, como forma de conservar o direito às gerações futuras a escalar. Durante a prática sempre haverá algum impacto ao meio, mas esse deve ser mínimo, porque o sujeito se reconhece como parte da natureza. Sustentar o equilíbrio natureza e cultura é avançar além da contradição dos termos.

Apesar dos esforços no estabelecimento de uma forma organizada de se escalar, alinhada com ideais de preservação e sustentabilidade, há exemplos de atitudes antiéticas entre os escaladores. Niclevics (2007) aponta a remoção de toneladas de lixo do Everest como uma das formas de percebermos que nem todos os escaladores que tentam seu cume são tão preservacionistas. Para Marinho (2003), a escalada cria um diálogo com a preservação ambiental por meio da sensibilidade, do lúdico e do prazer, mas ela ressalta, nos tempos atuais, uma comercialização do espírito do prazer. Surge uma contradição entre conquista e convívio sugerindo que não há apenas a ideia de cuidado.

O sujeito 5 falando sobre a escola: Minha escola: “Tem árvores” (CF). As árvores na escola representam um ponto de equilíbrio, numa cidade na qual o concreto predomina. Conviver com algum verde aproxima nossa percepção da Terra como *oikos*, ou hábitat em grego (MORIN, 2005c). Esse sentimento de pertencimento planetário possibilita a eco-organização, isto é, a compreensão do

biótopo: meio geofísico, com a biocenose, isto é, as interações entre os seres vivos desse biótopo. Isso dá um caráter ativo ao ecossistema, mostrando nossa dependência de articulação com as imposições e restrições do biótopo para nossa sobrevivência.

Foi isso que percebeu o sujeito 1 quando respondeu sobre a natureza: “É legal e com muitas aventuras, mas que podem ser perigosas”. Apesar de se sentir instigado pela natureza, ele não esquece a precaução (CF).

O sujeito 5 fez observações no DC, em que acredita na importância desse contato com a natureza na escalada em rocha:

[...] a experiência de escalar, de ter um contato mais próximo do meio ambiente é muito importante, pois talvez, quando os alunos atuais forem adultos que pretendem derrubar um pequeno e insignificante pedaço do que resta de floresta em São Paulo, tenham motivos pelos quais pensar duas vezes antes de realizar a ação (5 – DC).

Quando escalaram na rocha, havia apenas uma árvore para abrigar do Sol. Essa árvore é sentida como importante nesse momento. O sujeito 5 acredita que essa vivência pode gerar mudanças nos comportamentos das pessoas.

Auto-organização no montanhismo

A Declaração do Tirol sobre a Boa Prática nos Esportes de Montanha, adotada pela Conferência sobre o Futuro dos Esportes de Montanha ocorrida em Innsbruck, Áustria, entre 6 e 8 de setembro de 2002, na busca por uma prática respeitosa entre o ser humano e seu ambiente cria o Código de Ética do Montanhismo, difundido pela Confederação Brasileira de Montanhismo e Escalada. Essas regras se baseiam em valores gerais difundidos internacionalmente e se pautam pelos seguintes aspectos: definir os valores nos esportes de montanha; conter padrões de conduta; formular critérios para tomada de decisão em situações incertas; apresentar princípios para o público julgar os esportes de montanha, e introduzir os iniciantes em valores morais do esporte (FEMERJ, 2009).

O art. 1º do código afirma que cada escalador é responsável por si mesmo, e que não deve se colocar em perigo, nem o próximo e nem o meio ambiente. O art. 2º aponta que um membro de uma equipe deve fazer concessões em favor do grupo. O art. 6º mostra que o socorro deve ter prioridade sobre os objetivos estipulados anteriormente. Responsabilizar-se é reconhecer a unidade na diversidade (MORIN, 2003).

O art. 3º diz que quando somos visitantes, respeitamos as regras locais. Já o art. 7º traz os acordos referentes ao meio ambiente, consolidando a noção de que se deve praticar a escalada preservando a natureza. Para Morin (2000), a sustentabilidade é um elemento complexo que está no âmago do conceito de preservação, é um princípio da solidariedade.

No art. 8º é posto que a qualidade e a forma como escalamos é mais importante do que a realização da escalada. A escalada comporta vários estilos, desde as subidas de montanhas com gelo em grandes altitudes, passando pelas escaladas em rocha, que vão de um pequeno bloco a 2 m do solo, até grandes monólitos rochosos, nos quais se passam dias para se chegar ao topo (PEREIRA, 2007). É preciso lembrar que há também a possibilidade de escalarmos em paredes construídas pelo ser humano, que oportunizam às pessoas com nenhuma experiência, a apreciação dessa prática esportiva com menor risco. Essa variedade de opções permeia a subjetividade que cada indivíduo pode ter em relação à escalada. É possível praticar a escalada independente das características físicas, da idade, do gênero, da nacionalidade e da condição social. A acessibilidade à escalada, nesse sentido, depende mais da cultura, do que de fatores genéticos, financeiros, estéticos ou sociais.

O art. 9º diz que a conquista de uma via é um ato de criação. Ela deve ser feita de acordo com as tradições da região em acordo com a comunidade local, e pensando nas gerações futuras. Paralelamente a isso, Morin (2005b) afirma que a democracia requer consensos nas decisões e a aceitação majoritária, mantendo a diversidade e os antagonismos. Não significa que uma via, como foi conquistada, será para sempre, mas que o conquistador e a comunidade

escaladora daquela via devem decidir o destino da mesma, de forma democrática e pelo diálogo.

O objetivo da Declaração é definir valores atuais nessas práticas, não se instituindo como leis deterministas para o esporte, mas colocando-se como orientação à reflexão do escalador. Buscar a conscientização dos praticantes de atividades esportivas na natureza nos reporta a Morin (2003) quando afirma que é por essa reflexão que pode nascer a consciência para a concretização de valores.

O pensamento complexo propõe tratar com a incerteza do mundo concebendo organização nele (MORIN, 2000), assim, um conjunto de valores quando colocados a serviço da organização social, são formas de conceber a democracia sem impedir as liberdades individuais, nem a possibilidade de intervenção nas próprias regras.

Em Kant (1997), concebemos esses valores morais como sendo o imperativo categórico, ou seja, uma regra, ou lei, que pode ser considerada tão boa pelo indivíduo, que ele não apenas a respeitaria, mas gostaria de tê-la criada. Na complexidade, a ética não se baseia apenas numa lei universal, pois o bem e o mal não aparecem de forma nítida, pelo contrário, devem ter finalidade para o indivíduo, a sociedade e a espécie. A incerteza do destino humano necessita de senso crítico, de obter conhecimento pertinente, de combater a ilusão, de afetividade e de compreensão, portanto o desafio ético é disciplinar o egocentrismo exagerado e desenvolver o altruísmo (MORIN, 2005a).

No montanhismo, esse é um exercício realizado diariamente quando se ascendem as montanhas e as paredes. Mesmo em situações imperativas, as contradições continuarão existindo. O desafio está em conceber que em cada ocasião há uma prioridade, e que devemos fazer uma escolha. Essa escolha é dependente da consciência do indivíduo, mas não se detém nisso. Ela também se forja na norma cultural de uma sociedade.

Entre os valores defendidos pelos montanhistas, nos quais podemos perceber essa tentativa de ligação, encontram-se:

A dignidade humana – sendo que todos os seres humanos nascem livres e iguais em

direitos, dando atenção à equalização homens e mulheres.

Vida, liberdade e felicidade – tendo responsabilidade de proteger as comunidades em áreas montanhosas.

Solidariedade – promovendo trabalho em equipe, cooperação e compreensão.

Proteção à natureza – assegurando as características naturais das montanhas, protegendo fauna, flora e o ecossistema.

Realização pessoal, verdade e excelência – por meio dos quais se procuram atingir metas e obter prazer.

Aventura – reconhecendo os riscos e avaliando os potenciais para a prática. (FEMERJ, 2009)

Nessa modalidade esportiva podemos observar que os valores devem gerar uma cadeia de regeneração contínua entre indivíduo e sociedade, tal qual o pensamento complexo compreende a regeneração dos organismos individuais e dos sistemas coletivos.

Oyague, Luser e Cercos (2005), por sua vez, acreditam que estamos no fim de uma era, na qual a escalada foi realmente livre, regida apenas por uma ética de consenso. A profissionalização, mercantilização e a competição estão “esportivizando” a escalada, usando uma expressão de Ferrer (2002). Para Dias (2007, p. 116); “artificialização e comercialização, são categorias absolutamente integradas ao processo de criação de símbolos esportivos”, não sendo diferente na comunidade escaladora, e refletindo valores sociais hegemônicos e cartesianos, tanto quanto apresentando possibilidade de resistência ou oposição a esses.

O mundo esportivo não é um universo simbólico de ordem pura e perfeita, capaz de desenvolver de maneira implacável suas próprias lógicas - quer estas lógicas sejam de uma possível re-integração com a natureza, quer sejam de uma reprodução dos princípios de uma racionalidade instrumental. Em suma, penso que no montanhismo há sempre (e no mínimo) um duplo foco: um no relacionamento estratégico e outro no comunicativo. O montanhismo, dentro da sua complexidade e variabilidade, pode

estar, a um só tempo, a favor e contra o ideal heroico tradicional. Ele pode estar, simultaneamente, concentrado no individualismo e nos relacionamentos estratégicos formados em um molde de dominação, bem como nas cooperativas relações de amizade fundadas sob os auspícios de um ‘agir comunicativo’ (DIAS, 2007, p. 20-21).

Dias e Alves Junior (2006) comentam que na comunidade escaladora aparecem traços de resistência à sociedade de consumo, demonstrando que afetividade e fraternidade são elementos sólidos entre os praticantes. Há comportamentos padronizados e mercantilizados nesse meio esportivo, mas com expressões de comunhão, indicando uma ética que se aproxima da valorização da cidadania, da solidariedade e da democracia. Percebe-se na prática do montanhismo uma possibilidade de conscientização. Para Freire (2005, p. 15), “ninguém se conscientiza separadamente dos demais. A consciência se constitui como consciência do mundo”.

Um exemplo da manutenção de valores e de ações nessa direção foi o resgate que os brasileiros Paulo e Helena Coelho realizaram no ano de 1999 no Monte Everest. Eles tentavam pela quarta vez chegar ao cume. No dia anterior à sua tentativa, o português João Garcia havia alcançado o topo e estava perdido em algum lugar a mais de 7.000 m. Paulo enfrentou a escuridão e a tempestade, e depois de 12h encontrou-o com mãos, pés e nariz congelados. Eles sacrificaram sua tentativa de chegar ao topo, para salvar o escalador (MANSUR, 1999).

A escalada é uma atividade que rumo ao desconhecido, o imprevisível e o imponderável e, portanto: “quando se trata de obedecer um dever simples e evidente, o problema não é ético, mas ter a coragem, a força e a vontade de realizar o seu dever. O problema ético surge quando dois deveres antagônicos se opõem” (MORIN, 2005a, p. 47).

A esse respeito, vale a pena se aprofundar na leitura de Simpson (2004), na qual relata sua dura experiência com a escalada no Peru, quando seu companheiro cortou a corda deixando-o cair num penhasco no gelo e como sobreviveu apesar das adversidades.

Esse tipo de situação na qual o valor da vida é colocado acima dos objetivos pessoais, nem sempre é a tônica das ações na escalada, pois as boas intenções são sempre discursadas, mas as ações efetivas, muitas vezes, ficam aquém. A história relatada pode representar momentos de reflexão e internalização para futuros escaladores em suas trajetórias na escalada, no sentido do pertencimento religado à espécie.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa nasceu das inquietações do pesquisador sobre sua condição singular de professor de escalada escolar. A complexidade que o pesquisador percebeu na escalada lhe pareceu distinta da maioria dos pensamentos e modos de vida com os quais conviveu anteriormente. Investigar esses aspectos permitiu perceber como a ética no montanhismo comporta valores importantes a serem aplicados na vida diária e na educação.

O escalador desenvolve qualidades inteligentes como aprender por si mesmo; hierarquizar o que é importante; eliminar as inutilidades; analisar os meios para chegar a um fim; reconsiderar a sua percepção; utilizar o acaso a seu favor; perseguir os rastros dos erros; refletir sobre o futuro e modificar estratégias tal qual preconiza Morin (2005d) sobre o desenvolvimento da inteligência. Isso permite desenvolver um senso crítico frente aos desafios do cotidiano.

[...] o risco e a luta desenvolvem a astúcia e a inteligência estratégica. Mas o verdadeiro desabrochar da inteligência e do ser humano apela para a conjunção da incerteza do risco e da certeza do amor. Precisamos que o meio nos traga agressão e afeição (MORIN, 2005c, p. 82).

Outro aspecto a destacar foi a verbalização da responsabilidade que compartilham os sujeitos nos momentos de dar segurança aos companheiros. Isso não se resume a conhecer e aplicar a técnica de segurança. A responsabilidade para eles é um compromisso com o outro, uma forma de garantir que a recíproca seja verdadeira, isto é, preocupar-se com a vida do outro assim como se preocupam com as suas próprias vidas. A verbalização é a

consciência do ato. Em se tratando de adolescentes, como foi o caso da pesquisa, isto é recompensador, pois a educação pela escalada surge como uma via à compreensão.

Justifica o princípio moral de religação do ser com o outro. Os valores da dignidade humana, vida, solidariedade e assunção dos riscos na aventura, que fazem parte das condutas dos escaladores são assimilados pelos alunos pela ligação ao outro por uma corda, sentindo a fragilidade da vida em suas mãos. Na escalada deve emergir o diálogo com o outro. As habilidades relacionais que precisamos desenvolver são obter conhecimento pertinente; não faltar com o senso crítico numa tomada de decisão; sacrificar um desejo pessoal em nome do coletivo; combinar audácia e precaução; pensar no bem coletivo, individual e do meio ambiente; identificar e comunicar a luta pelo bem (MORIN, 2005a).

Segundo Pereira (2010, p.118):

A capacidade de escalar as vias na escola, algumas vezes de forma displicente, outras com a necessidade de auxílio do professor por motivo de segurança, ou ainda de enfrentar o desafio de escalar uma via de 25 metros na rocha, confiando na experiência dos professores e na própria habilidade, representam uma manifestação de inteligência. Nesse sentido, a inteligência na escalada é uma emergência, que surge de forma lúdica iludindo a probabilidade de morrer.

Para esse autor, a vivência da escalada no ambiente escolar pode despertar nos alunos qualidades e propriedades em seu “ser máquina” (MORIN, 2005a), ativando os praticantes a enfrentarem as dificuldades da própria vida.

Nesse sentido, a Educação Física pode se beneficiar da verbalização e ação que simultaneamente ocorreram nessa experiência da escalada, pois aspectos conceituais e procedimentais quando verbalizados são manifestações de consciência da pessoa. Esse exercício consciente é a base para a construção de uma ética humana, mas que se vislumbra um pouco distante da realidade das escolas que conhecemos, porque a escalada ainda não é comum nas escolas e tampouco a ética tem tido destaque nos conteúdos ou temas dos professores de Educação Física (RUSSO, 2010).

ETHICS IN CLIMBING: AN ANALYSIS FROM THE COMPLEXITY OF EDGAR MORIN

ABSTRACT

The complex thought understands the ethics not only as the moral respect to the other and to the environment. It sees it as a construction between the antagonisms of human nature. The objective of this research has focused on verification on how occurs the relationship with the other in the practice of climbing in school. The method based on Qualitative Epistemology allowed confronting elementary school students with the ethics of climbing. The results point to the development of a sense of responsibility to life, not common in traditional education. The values of human dignity, solidarity and risk taking in the adventure were assimilated by the students, by binding to the other by a rope, feeling the fragility of life in their hands. This experience points to new ways for citizenship education, based on human ethics.

Keywords: Complexity. Ethics. Mountaineering.

REFERÊNCIAS

- DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Atlas, 1989.
- DIAS, C. A. G. Convergências, divergências e intersecções: diálogos sobre montanhismo. **Esporte e Sociedade**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 6, jul./out. 2007.
- DIAS, C. A. G.; ALVES JUNIOR, E. D. Abertura da temporada de montanhismo 2005 no Rio de Janeiro: notas etnográficas. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, jan./jun. 2006.
- FEMERJ. **Federação de Montanhismo e Escalada do Rio de Janeiro**. 2009. Disponível em: <<http://www.femerj.org>>. Acesso em: 10 ago. 2009.
- FERRER, D. F. **Bases metodológicas para a preparação física de escaladores esportivos**. 2002. Trabalho CE Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2002.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- _____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- GONZALEZ REY, F. L. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2005.
- HEYWOOD, I. Urgent dreams: climbing, rationalization and ambivalence. **Leisure Studies**, [S.l.], v. 13, n. 3, p. 179-194, jul. 1994.
- KANT, E. **Crítica da razão prática**. Lisboa: Edições 70, 1997.
- Le BRETON, David. Risco e lazer na natureza. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (Org.). **Turismo, lazer e natureza**. Barueri: Manole, 2003. cap. 5, p. 94 – 117.
- MANSUR, A. Resgate no Everest. **Revista Veja**, São Paulo, 23 jun. 1999. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/230699/p_066.html>. Acesso em: 14 nov. 2009.
- MARINHO, Alcyane. Da aceleração ao pânico de não fazer nada. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (Org.). **Turismo, lazer e natureza**. Barueri: Manole, 2003. cap. 1, p. 1 – 26.
- MORIN, E. **O Método 6. Ética**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005a.
- _____. **O Método 5. A humanidade da humanidade: a identidade humana**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005b.
- _____. **O Método 2. A vida da vida**. Tradução: LOBO, M. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005c.
- _____. **O Método 3. O conhecimento do conhecimento**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005d.
- _____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2003.
- _____. **Os problemas do fim do século**. Lisboa: Editorial Notícias, 1991.
- _____. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- NICLEVICS, V. **Um sonho chamado K2: a conquista brasileira da montanha da morte**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- OYAGUE, G. P.; LUSAR, A. C.; CERCOS, J. F. Propiedades psicométricas del cuestionario de habilidades psicológicas en escalada deportiva. **Cuadernos de Psicología del Deporte**. Universidad de Murcia, v. 5, n. 1/2, p. 9-18, 2005. Disponível em: <<http://revistas.um.es/cpd/article/view/93361>>. Acesso em: 12 jan. 2009.
- PEREIRA, D. W. **Escalada**. São Paulo: Odysseus, 2007.
- _____. **Um olhar sobre a complexidade da escalada na educação física, na perspectiva de Edgar Morin**. 2010. 141f. Dissertação (Mestrado)–Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2010.
- PIMENTEL, G. G. A. **Risco, corpo e socialidade no voo livre**. 2006. 170 f. Tese (Doutorado)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2006.
- PORTELA, A. **A influência da fadiga no tempo de reação de praticantes de escalada em rocha**. 2005. 198 f. Dissertação (Mestrado)–UDESC, Florianópolis, 2005.
- RUSSO, E. L. **Os conteúdos e os métodos desenvolvidos nas aulas de Educação Física escolar**. 2010. 150 f. Dissertação (Mestrado)-Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2010.
- SIMPSON, J. **Tocando o vazio: a história real da miraculosa sobrevivência de um homem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
-

SPINK, M. J. P.; ARAGAKI, S. S.; ALVES, M. P. Da
exacerbação dos sentidos no encontro com a natureza:
contrastando esportes radicais com turismo de aventura.

Psicologia: reflexão e crítica, Porto Alegre, v. 18, n. 1 p.
26 – 38, 2005.

Recebido em 24/02/2012

Revisado em 28/09/2012

Aceito em 03/10/2012

Endereço para correspondência: Dimitri Wuo Pereira, Rua Ernestina de Castro Marcondes, 263, casa 145, CEP 13214
554, Jardim de Represa. Jundiá – SP. Email: dimitri@rumoaventura.com.br